

REFLEXÕES SOBRE O TEMPO NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

REFLEXIONS ON TIME IN THE DAILY EARLY CHILD EDUCATION

Anelise Monteiro do Nascimento*

Resumo

As relações que envolvem a criança e sua educação têm sido objeto de debates nos últimos anos. A Constituinte de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, ao reconhecerem os direitos das crianças, tornam necessárias e urgentes pesquisas que tenham como foco as crianças, a formação de profissionais e as práticas realizadas nas instituições de educação infantil. São muitos os desafios que se impõem a cada dia no trabalho cotidiano com as crianças de 0 a 6 anos. Foi pensando nisso que este artigo foi elaborado. Nosso desejo é criar espaços de debate sobre o cotidiano da educação infantil. Nesse sentido, a organização do tempo é um tema privilegiado. Queremos saber como tem sido organizado e vivido o tempo dentro das instituições de educação infantil. Partindo de um estudo exploratório que envolveu quatro professores e seus alunos, em três escolas (duas particulares e uma pública), buscamos discutir como é a gestão do tempo. O que é priorizado no cotidiano com as crianças? O que pensam os professores e as crianças sobre a administração do tempo? Acreditamos que pensar no tempo é pensar na rotina, na organização dos grupos e, para iniciar tal reflexão, precisamos considerar que, na sua organização, estão envolvidos valores, apostas e concepções de infância e educação dos professores e das instituições.

Palavras-chave: Educação Infantil, Prática Pedagógica, Subjetividade.

Abstract

The connections involving children and their education have been the target of debates over the last few years. The 1988 Constituent, the 1990 Children and Adolescent's Statute, the 1996 National Education Directions and Foundation's Law, when recognizing children's rights, make it necessary and urgent researches that focus on the

infant, the formation of professionals to educate them and the practices of early education institutions. Many are the challenges faced daily when working with kids between 0 and 6 years old. It was thinking about it that this article was elaborated. Our desire is to create spaces of debate on the everyday of children's education. Hence, the disposition of time is a privileged subject. We want to know how children's education institutions have been organizing and living their time. Beginning with an exploratory study that involved four teachers and his pupils, in three establishments (two private and one public school), we seek to find out how time is managed. What is prioritized in the everyday life of these children's education? What do teachers and children think of the way their time is administrated? We believe that to think about time is to reflect upon routine, upon group arrangement, and to start it, it is necessary to consider that there are values, bets and conceptions of infancy and education involved in that organization carried out by those teachers and their institutions.

Key words: *Early Childhood Education, Pedagogic Practice, Subjectivity.*

Sobre o tempo

(Jonh)

*Tempo tempo mano velho
Falta um tanto ainda eu sei
Pra você correr macio
Como zune um novo sedã
Tempo tempo mano velho
Vai, vai, vai...
Tempo amigo seja legal
Conto contigo pela madrugada
Só me derrube no final...*

Pensar o cotidiano da educação infantil não é uma tarefa fácil. Muitos desafios se impõem a cada dia de trabalho com as crianças, e o desejo de realizar uma prática criativa e coerente com os princípios que garantem qualidade à educação da criança requer reflexões. Foi pensando nisso que este texto foi elaborado. O desejo é criar um espaço de debate sobre como tem sido organizado e vivido o tempo dentro das instituições de educação infantil. Nas práticas com as crianças, como é administrado o tempo? O que é priorizado? Quanto tempo é destinado ao brincar? E ao contato entre as crianças? Existe tempo para brincadeiras livres? E para as dirigidas? Pensar no tempo é pensar na rotina, na organização dos grupos. E, para iniciar a reflexão, é importante considerar que nessa organização do tempo estão envolvidos tanto os valores dos professores quanto os das instituições de educação infantil.

Porém, a administração do tempo não é só uma questão da educação, faz parte da ação de todos os homens. Como entender um conceito tão complexo como o tempo? Um olhar sensível para a literatura, a música, a poesia e a arte nos ajuda a pensar de forma crítica esse tema. Na literatura, a obra *Alice no país das*

maravilhas, de Lewis Carroll (2002), tem seu início marcado pela relação entre a personagem principal e o tempo:

Era uma vez uma menina que caiu em um poço profundo e após um pouso suave viu um coelho que passava, apressado, atrasado, mas, por mais que procurasse segui-lo, não conseguia alcançá-lo...

A idéia de um coelho correndo atrás do tempo chama atenção. O que significa um relógio no qual os ponteiros giram ao contrário, como o que o coelho carrega no peito? Na história, o coelho passa várias vezes pela menina, sempre dizendo que está atrasado. Atrasado para o quê? Na seqüência da narrativa, ao sonhar, Alice se depara com um outro relógio. Dessa vez, o objeto aparece nas mãos de um chapeleiro. Ao prestar atenção nele, Alice percebe que seus ponteiros não marcam as horas, apenas os dias. Durante a conversa com o chapeleiro, a menina observa o lugar e estranha a presença de uma enorme mesa de chá. Descobre, então, que naquele local são sempre cinco horas e que somente os dias se modificam. Em um dos momentos da conversa, o chapeleiro diz a Alice:

É estranho o tempo. Ele é bem complicado. Se brigamos com o tempo, se ele é maltratado, chovem, então, contratempos, e eles fundem nossa cuca. Foi o tempo que deixou a lebre assim tão maluca.

O sonho da menina levanta uma questão relativa à linearidade do tempo. O coelho sempre atrasado e o relógio do chapeleiro nos fazem pensar sobre a rotina, o automático das ações e a pouca reflexão nos fazeres. Uma sensação estranha que nos envolve alguns dias quando, mesmo após uma noite de sono, parece que o novo dia é o dia anterior vivido novamente.

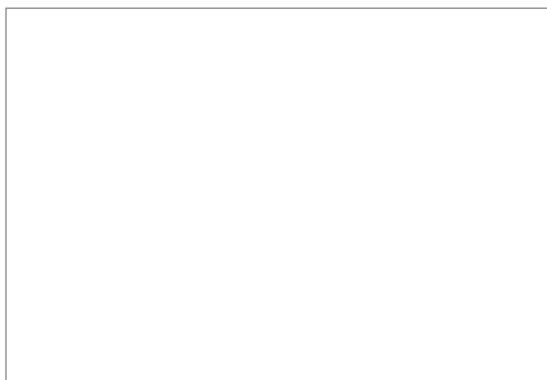
Falar sobre o tempo é um desafio, principalmente quando queremos pensar nas práticas vividas na educação infantil. Embora culturalmente tenhamos definido diversas maneiras de medi-lo e administrá-lo, cada um de nós tem uma experiência única com o tempo. Motivo de angústia e de insatisfação para muitos, o tempo tem destaque especial na música. Nela, ele aparece como parceiro, algoz, como solução para sentimentos afetivos desagradáveis e, também, como promessa de dias melhores, “um novo tempo, apesar dos perigos... pra recomeçar” (Ivan Lins). Além de Jonh, na epígrafe do texto, Cazuza, com o seu “O tempo não pára”, Renato Russo, “Tempo perdido”, outros autores tentaram e tentam traduzir em canções sentimentos múltiplos e particulares. O tempo está presente também na poesia de Drummond e de outros grandes poetas como Mario Quintana.

O tempo

O despertador é um objeto abjeto
Nele mora o Tempo. O Tempo não pode viver sem nós, para não parar

E todas as manhãs nos chama freneticamente como um
velho paralítico a tocar a campainha atroz.
Nós é que vamos empurrando, dia a dia, sua cadeira de rodas.
Nós os seus escravos.
Só os poetas
os amantes
os bêbados
podem fugir por instantes
ao Velho... Mas que raiva impotente dá no Velho
quando encontra crianças a brincar de roda
e não há outro jeito senão desviar delas as suas cadeiras
de roda!
Porque elas, simplesmente, o ignoram... (Mario Quintana, 1995).

Na obra *A persistência da memória*, Salvador Dali (1931) faz uma crítica ao tempo, trazendo relógios que parecem se desfazer assim como o tempo.



A persistência da memória – Salvador Dali (1931)

Considerando a questão apontada pelas artes, será que em nosso cotidiano temos sido escravos do tempo, ou conseguimos brincar de roda fazendo o “velho” desviar sua cadeira? E as instituições? Será que elas têm ajudado o tempo a desviar sua cadeira quando as crianças estão brincando ou deixam as rodas atropelarem as brincadeiras?

A questão do tempo está presente nas mais diferentes formas de explicação da vida humana. Indo à mitologia, encontramos a figura enigmática de Cronos. Na mitologia grega, Cronos era filho de Urano (o céu) e de Gaia ou Gê (a terra). Incitado pela mãe e ajudado pelos irmãos, os Titãs, castrou o pai – o que separou o céu da terra – e tornou-se o primeiro rei dos deuses. Seu reinado, porém, foi ameaçado pela profecia de que um de seus filhos o destronaria. Por isso, Cronos devorava todos os filhos. Um dia, sua mulher, Réia, conseguiu salvar um deles, Zeus. Quando Zeus cresceu, arrebatou o trono do pai, conseguiu que ele vomitasse os outros filhos, ainda vivos, e o expulsou do Olimpo, banindo-o para o Tártaro, local de tormento. Segundo a tradição clássica, Cronos simbolizava o tempo e por isso Zeus, ao derrotá-lo, conferiu a imortalidade aos deuses.

No campo da antropologia, um interessante debate sobre esse tema foi apresentado por DaMatta (1991). Segundo o autor, a sociedade brasileira é singular no que diz respeito ao espaço e ao tempo. De acordo com ele, temos muitas temporalidades que convivem simultaneamente. O autor pontua que o tempo e o espaço são invenções sociais e traz dois exemplos para ilustrar a sua afirmação. O primeiro é o da sociedade apinayé que marca uma duração ou um evento do passado fazendo referência a um parente mais velho. O segundo é o do povo nuer que divide o ano em dois grandes períodos que correspondem à cheia dos rios e à sua vazante. De acordo com o autor, o povo nuer não possui em sua língua uma expressão equivalente à palavra tempo.

Também para Norbert Elias (1998), o tempo não existe em si mesmo, ele é antes de tudo um símbolo social, resultado de um longo processo de aprendizagem. Partindo dessa idéia, o autor demonstra a construção histórico-social na qual o “tempo” foi produzido. Para ele, isso é um dado subjetivo e social que foi enquadrado pelo homem moderno na física, no intuito de transformá-lo num dado objetivo e mensurável. Nesse sentido, Elias considera o tempo como uma função social reguladora da vida humana, parte de um processo civilizador que o homem criou para coagir a si próprio. O autor contrapõe linhas filosóficas, naturalistas e históricas, constituindo um modo particular de abordar o tema. Em sua obra, faz comparações dos modos como diferentes civilizações determinam o tempo, estabelece funções universais para ele e se preocupa em como o mundo coordena as experiências entre natureza e sociedade. Tempo, na perspectiva de Elias, é uma rede fundamental de configuração de relações sociais desenvolvida pela civilização. A importância dada a ele tende a ser fruto do próprio desenvolvimento social que fez dele um item primordial para regulação da vida em comum. Na Idade Moderna, como afirma o autor, a organização do homem em sociedade acabou impondo aos indivíduos um número maior de atividades e encadeamento destas, assim como maior dependência e complexidade na rede de relações sociais. Tais fatores exigiram um denominador comum que regulasse tais relações. Nesse caso, o denominador chama-se “tempo”. O autor aponta que não foi a moeda que caracterizou a passagem da Idade Média para a Moderna, mas a mudança no ritmo e extensão do movimento que alterou qualitativamente a estrutura das relações humanas na sociedade. Assim, é na transição da Idade Média para o Renascimento que se tem um fortalecimento do autocontrole individual das emoções e também do tempo (p. 208). Desse modo, a atenção com o tempo e com medidas temporais são fruto dos processos de urbanização, comercialização e mecanização da sociedade, que se acentuaram quando tais processos trouxeram maior dependência do homem aos instrumentos criados para medir o tempo e menor dependência a medidas baseadas em fenômenos da natureza. Para o autor, os instrumentos de medição do tempo, independentes da sua natureza, sempre transmitem mensagens. O relógio é o meio pelo qual os grupos humanos comunicam o tempo a cada um dos seus membros individuais, possibilitando regular seus comportamentos. O relógio, por exemplo, seria um mecanismo físico, que trabalha sob uma variável que o homem chama inocentemente de tempo, pois esses instrumentos ocupam um lugar eletivo, dentre os dispositivos destinados a representar o tempo, mas

não são o tempo (p. 15).

Os instrumentos de determinação do tempo, sejam eles quais forem, são seqüências observáveis de acontecimento. Em se tratando dos calendários, Elias afirma que são seqüências simuladas de acontecimentos sob uma forma escrita ou impressa (p. 16). Para que um mecanismo físico possa se tornar um instrumento de determinação do tempo, ele deverá ser associado a um símbolo social móvel que indique informação ou regulação e esteja inserido no sistema de comunicação das sociedades humanas. É legítimo que o relógio indica o tempo, mas essa indicação se dá pela produção contínua de símbolos que só têm sentido no mundo dos homens. São essas regularidades e seqüências das medições do tempo que tornam possível demarcar atividades e rotinas dentro de um mesmo código temporal. A correlação entre tempo e atividade existe porque as medições do tempo possibilitam que o homem tenha certa harmonia e previsibilidade diante da vida cotidiana.

Como podemos ver, as questões que envolvem o tempo ou sua medição estão presentes em diversas comunidades desde épocas remotas. O tempo é uma convenção social que tem acompanhado nosso próprio desenvolvimento. Pesquisá-lo, partindo de uma abordagem crítica, histórica e processual, contribui para que se tenha uma visão mais integrada dos avanços e retrocessos de nossas próprias construções sociais.

Pensar o tempo dentro dessa rede de relações e desses modos de produção, como propõe Elias, nos ajuda a vislumbrar melhor a questão de sua importância na formação da sociedade moderna. Assim, podemos também pensar as interações nas instituições. Que relações há entre o tempo e o cotidiano infantil? Como são administrados ritmos e diferenças nas turmas com crianças na creche e pré-escola? Que possibilidades a organização do tempo prevê? Qual é o tempo destinado a atividades dirigidas pelos adultos e explorações organizadas pelas crianças?

Essas e outras questões se evidenciam a partir da observação do cotidiano. Para Anna Bondioli (2004) e seus colaboradores de pesquisa, o estudo do dia-a-dia educativo implica prestar atenção ao que acontece no ambiente escolar e refletir sobre a chamada pedagogia “latente” ou “implícita”, que seria o conjunto das práticas, das regras, dos hábitos, das rotinas, dos acontecimentos, das atividades e dos costumes característicos de determinados contextos, que, mesmo não estando sobre o controle direto dos agentes educativos, podem influenciar o processo de aprendizagem das crianças. Para a autora, o primeiro passo seria observar o dia escolar como um cenário, uma representação teatral com um início, um fim e um desenrolar temporal marcado em “tempos” e “atos”, caracterizados pela sucessão de diferentes episódios. Segundo Bondioli (2004), o tempo – considerado como uma categoria cognoscitiva socialmente construída – envolve tanto a subjetividade individual como o conjunto dos significados culturais e sociais. Nessa

perspectiva, o tempo como objeto de estudo é uma articulação entre o tempo institucional, a organização do dia-a-dia, o seu ritmo, a organização dos episódios e seu fluir. Um dos resultados da pesquisa de Bondioli propõe a execução de uma rotina, por considerar que a rotina pode orientar as ações das crianças, assim como dos professores, possibilitando a antecipação das situações que irão acontecer.

Pensando em um debate que permita visualizar a rotina no cotidiano da educação infantil, foi realizado um estudo exploratório¹ com professoras e crianças de quatro instituições. As mesmas perguntas – *Como você organiza seu tempo em sala de aula? O que você prioriza?* – foram feitas para as professoras.

A primeira entrevistada foi uma professora de crianças de cinco anos. A turma possui 15 crianças. Segundo seu relato, Claudia² diz que em seu planejamento prioriza a linguagem. Porém, ela destaca que o objetivo do colégio é propor um currículo integrado. Ela descreve uma prática: “lançamento da vogal A”. Em um primeiro momento, as crianças vão pesquisar em casa, junto com os pais, sobre “a aranha”. Na sala de aula, há uma integração na roda, onde um espaço é destinado à fala das crianças sobre a pesquisa feita em casa e sobre as relações que estabeleceram entre a palavra aranha e outras palavras que possuem o mesmo som. Depois desse momento de conversa, Claudia sugere a elaboração de uma atividade plástica, a construção de uma teia costurada com lã e a criação de uma aranha de massa de modelar. No final, há um encontro do grupo na roda para cantar a música da aranha. A professora destaca que, com esse tipo de planejamento, ela prioriza a linguagem, porém as outras áreas não ficam “de fora”.

A segunda professora, Carla, trabalha numa turma com 13 crianças com cerca de dois anos. Ela tem o apoio de mais duas profissionais. Ao ser questionada sobre a organização do tempo, afirma:

Eu penso no grupo. A primeira coisa que faço é pensar se a atividade vai ser interessante, instigante, sedutora, e aí eu imagino um tempo, porque a gente trabalha com rodízio de salas, então, o que me frustra muito nessa questão do tempo é que existe um limite de quarenta minutos, meia hora, e que eles ainda estão se familiarizando com aquela brincadeira, aquela atividade, entrando no clima. Aí eu penso que eu estou trabalhando com crianças de uma média de idade de dois anos, fico muito tensa em satisfazê-las e também, de certa forma, satisfazer as minhas expectativas sobre aquilo que eu planejei naquele tempo.

Carla diz privilegiar o tempo para atividades de socialização, afetividade, regras de convivência, criatividade. Na turma, existem crianças que usam fraldas. De meia em meia hora, verifica-se se alguém está precisando trocar as fraldas. Segundo Carla:

Para o grupo não ficar preso na rotina do cuidado, a fralda não vai ser o principal do dia. Então, 9:30 da manhã, depois do lanche, é hora de um mutirão para ir ao banheiro fazer xixi, lavar as mãos, e aí a gente aproveita para verificar quem precisa trocar de fralda. Uma criança vai trocar a fralda com a babá e as outras ficam com a professora, com alguma atividade que esteja planejada, como a leitura de uma história.

A terceira entrevistada foi Silvia, professora de uma turma de crianças de quatro anos. A turma tem 15 crianças:

... geralmente eu trabalho com atividades em grupo, priorizo o coletivo, a oralidade, coisas como esperar a vez do colega para falar, e as atividades não dirigidas, socialização. O tempo? Eu calculo, mais ou menos, mas sempre dá tempo, às vezes até sobra tempo, tem criança que acaba rápido, aí eu deixo brincar. Agora, eu sempre acabo no mesmo dia, nunca deixo para o outro dia uma atividade, porque eu acho que perde a graça, às vezes a criança nem lembra mais, já está até saturada de ver aquele trabalho. Se eu vejo que um trabalho não vai dar tempo, eu nem começo para não ter que parar. Tem certas atividades que eu acho que meia hora é muito tempo para as crianças. Tem que ser rápido, senão elas ficam logo de saco cheio.

A quarta entrevistada foi Verônica, professora de uma turma com 15 crianças de cinco anos. Ao comentar a organização do tempo na sua turma, Verônica diz que prioriza o tempo da rodinha da conversa:

... deixo eles falarem, a rodinha dura até quando eles não querem mais, aí eu parto para outra atividade. Quando eu estou fazendo um trabalho com eles eu nunca calculo o tempo, se vai durar uma semana, duas..., Eu não calculo, eu faço o que tem que ser feito, dou tudo. No diálogo, na conversa, eu levo semanas conversando sobre o mesmo tema, mas no trabalho prático, não. Eu sempre termino no dia, as crianças não gostam muito de terminar desenho, ou trabalho de pintura que a gente obrigou a deixar no meio. Sempre que vai acabando o tempo eu vou apressando as crianças para que elas terminem logo.

Nos discursos das entrevistadas, percebemos que cada uma delas tem modos próprios de organizar a rotina e administrar o tempo. Se na fala da nossa primeira entrevistada, a professora Claudia, podemos ver que o tempo é organizado de acordo com a necessidade de se trabalhar determinado conteúdo, sem que haja preocupação com a duração da atividade, na fala de Carla, a segunda entrevistada, há um dilema em relação ao tempo. Embora ela queira pensar nas características e necessidades do grupo, buscando uma prática instigante, se vê limitada pelo tempo predeterminado do rodízio. Ela tem que fazer escolhas. Será que essas escolhas conseguem levar em consideração o tempo do desejo das crianças, especialmente crianças tão pequenas?

Quando fala sobre sua rotina com crianças de dois anos, ela deixa claro que não quer ficar *presa na rotina do cuidado*. O que é rotina do cuidado? Será que a professora está considerando que na troca de fralda estão implícitas questões de identidade, afetividade e autonomia da criança, tão importantes nessa faixa etária?

Numa perspectiva que integra o cuidar e o educar, as ações de cuidado ganham uma dimensão pedagógica. Mesmo ficando claro o envolvimento com o trabalho que realiza, será que a professora leva isso em conta?

A terceira entrevistada, professora Silvia, fala de coisas importantes na educação infantil: atividades em grupo, oralidade, vez e voz. Para essas coisas, ela afirma que “*sempre dá tempo*”. Ainda referindo-se ao tempo, ela diz: “*às vezes até sobra tempo, tem criança que acaba rápido, aí eu deixo brincar*”. Nós nos perguntamos: que lugar o brincar ocupa nesse cotidiano? Será que existe um tempo determinado para o brincar nessa rotina ou o tempo do brincar é somente aquele “que sobra”? Será possível que o adulto controle a brincadeira das crianças? As crianças brincam, independentemente da vontade do adulto. Brincam com lápis, transformando-os em carrinhos, bonecos ou no que a imaginação permitir. Nas brincadeiras, as folhas de papel podem virar

campos de futebol, pista de corrida, nave espacial, entre tantas outras coisas. A fala da professora reflete a autoridade que o professor pretensamente pensa ter sobre as atitudes e os conhecimentos das crianças. É preciso que fiquemos atentos, pois, se acreditamos que as crianças são autores de suas histórias, não cabe reproduzir práticas autoritárias que as desconsideram em suas singularidades infantis.

Na fala de Verônica, a última entrevistada, mais uma vez o tempo da subjetividade e da produção da criança parece estar sob o controle da professora. Num momento, ela deixa as crianças falarem “*até quando eles não querem mais*” e, em outro, vai “*apressando as crianças para que elas terminem logo*”.

O que se pode destacar desses relatos é que nenhuma das professoras parece ter considerado em seus planejamentos o desejo das crianças. Suas falas indicam que elas se mostram mais preocupadas em adaptar os desejos das crianças ao tempo determinado por elas, ou pelas instituições, para cada atividade. Nesse sentido, é possível dizer que a organização do tempo e da rotina nessas turmas atendem muito mais à subjetividade do professor do que à das crianças.

Entrevistando as crianças, o que elas pensam sobre o tempo, também evidenciou-se:

O que é tempo?

É chuva, é sol, é como está o dia!

É o futuro.

No futuro, a gente é grande!

E esse tempo do relógio?

É hora, é a hora que dá as coisas, hora que dá a entrada, que dá a saída, que dá a merenda.

Qual a atividade que demora mais aqui na escola?

A sala de música, que a gente fica um tempão sem fazer nada!

Desenho, que demora, demora...

E a atividade mais rápida?

Computador.

Parquinho, parquinho é rapidão, num instante a tia toca logo o sino e já é hora de sair, a gente nem brincou direito.

Brinquedoteca é rapidão também!

Esses relatos indicam que as crianças utilizam recursos psicológicos para definir o tempo cronológico. Para elas, o tempo real é o tempo do prazer. Pode-se observar também como o tempo cronológico atropela o tempo psicológico, para quem ainda não entende sua noção. Para a criança, a *hora* é aquilo que é determinado por um fazer obrigatório, *é a hora que dá as coisas, hora que dá a entrada, que dá a saída, que dá a merenda*.

Sobre as respostas às perguntas referentes a que atividades são mais ou menos demoradas, é importante destacar que as aulas de música duram 30 minutos, e parquinho e brinquedoteca duram 60 minutos, o que mostra que o tempo psicológico não está, nesse caso, diretamente relacionado ao cronológico.

A partir das questões levantadas, relativas à gestão do tempo na educação infantil, percebe-se que existe um

tempo institucional, objetivo, predeterminado, e um tempo subjetivo. Cabe, então, indagar até que ponto o tempo subjetivo das crianças é considerado. Ou será que o tempo objetivo, predeterminado, é o que regula o tempo o tempo todo? Qual a possibilidade de uma atividade terminar quando termina o tempo subjetivo da criança? Até que ponto a rotina da instituição está completamente presa à grade do tempo objetivo e cronológico? Não seria importante que existisse uma escuta do tempo subjetivo da criança, indispensável a uma maior flexibilização do tempo no cotidiano? Essa flexibilidade não seria fundamental à valorização da experiência da criança? E nas escolas onde há rodízio de atividades? Como se dá a tensão entre o tempo institucional e o tempo das crianças, já que cada atividade tem um tempo predeterminado? E a rotina? Ela fragmenta o tempo com a mudança de atividade ou permite uma melhor estruturação do tempo porque o organiza a partir da repetição? Em suas falas, as crianças também se referem à falta de tempo para brincar porque têm muitas atividades “educativas” como balé, inglês etc. Por outro lado, se temos uma sociedade regida por um tempo objetivo, será possível educar crianças sem levar em conta esse tempo?

Embora a análise aqui apresentada tenha sido fruto de um estudo exploratório, ela ensejou, ainda que preliminarmente, uma reflexão sobre a relação tempo/cotidiano na educação infantil. Entendo que a incursão nas artes, na literatura e nas ciências, tal como foi apresentada na primeira parte do texto, pode trazer contribuições aos profissionais que lidam com a infância para que eles reflitam sobre o que é o tempo e como ele é significado pelos sujeitos. Longe de pretender esgotar o tema, este texto é mais um convite à continuação do debate urgente e importante sobre a gestão do tempo na educação infantil.

Notas

[1] Realizado com quatro professoras de educação infantil de três escolas: duas particulares e uma pública da cidade do Rio de Janeiro.

2 Todos os nomes são fictícios e os depoimentos estão transcritos em itálico.

Referências

BONDIOLI, Anna. *O tempo no cotidiano infantil* – perspectiva de pesquisa e estudo de casos. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Scipione, 2002.

DALI, Salvador (1931). *A persistência da memória*. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/mundoantigo/dali/cang2.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2008.

DAMATTA, R. *A casa e a rua; espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

QUINTANA, Mario. *Nova antologia poética*. São Paulo: Globo, 1995.

Dados da autora:

Anelise Monteiro do Nascimento

* Mestre em educação – PUC-Rio – e Professora do Departamento de Educação e Sociedade – UFRRJ

Endereço para contato:

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Instituto Multidisciplinar Unidade Acadêmica de Nova Iguaçu

Rua Capitão Chaves, nº 60 – Centro

26221-010 Nova Iguaçu/RJ – Brasil

Endereço eletrônico: anenascimento@estadao.com.br

Data de recebimento: 1º out. 2007

Data de aprovação: 27 mar. 2008